

Helena Júlia Corrêa Boll
Graduanda de Ciências Jurídicas e Sociais
Orientadora Profª. Roberta Camineiro Baggio
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO e OBJETIVOS

O machismo violenta e mata mulheres cotidianamente. As Assessorias Jurídicas Universitárias Populares (AJUPs), por serem grupos de extensão vinculados às Faculdades de Direito e terem como foco de trabalho o atendimento de demandas coletivas apresentadas por sujeitos em estado de vulnerabilidade, representam a conexão de estudantes com esta bruta realidade. A presente pesquisa busca identificar, no âmbito de atuação das AJUPs brasileiras, a presença da violência de gênero; o perfil das mulheres atingidas; e as formas de enfrentamento da questão.

REFERENCIAL

Gênero é categoria social atravessada por diversas outras como raça e classe. Tal conceito alude tanto a um conjunto de características e comportamentos, como a funções e valorações impostas dicotomicamente a cada sexo, através de processos de socialização (FACIO e FRIES, 2005). Um dos resultados destes processos é a prática da violência de gênero, estimulada pela ideologia machista (ALMEIDA e SAFFIOTTI, 1995). Havendo-se do contexto de atuação das AJUPs, tal pesquisa atribui materialidade a estas conceituações.

METODOLOGIA

Os dados utilizados foram coletados no âmbito de trabalho do grupo de pesquisa coletiva Constitucionalismo na América Latina: Demandas por Justiça Social, por meio de questionário semiestruturado, aplicado em 39 AJUPs, atuantes em diferentes regiões do território nacional. As entrevistas foram realizadas presencialmente ou por Skype (software de comunicação instantânea, que possibilita chamadas de voz via internet), sendo, posteriormente, transcritas e analisadas

RESULTADOS

Das 39 AJUPs entrevistadas, 27 relataram a existência da violência de gênero em seu contexto de trabalho; sendo ela variável de acordo com a faixa etária das mulheres, do tema trabalhado pelas AJUPs, e do local em que estas se inserem. Como dificuldades de enfrentamento da questão, foram elencados seis pontos que variam desde o despreparo dos estudantes até a naturalização com que a sociedade encara a violência de gênero. Diante disso, das 27 AJUPs referidas, 12 enfrentam a questão, buscando solucioná-la; enquanto 11 não a enfrentam; 3 não esclarecem sua forma de atuação; e 1 afirma encaminhar tais casos para entes competentes.

CONCLUSÕES

A violência de gênero é problema estrutural, reproduzida por diferentes pessoas, direcionada a diferentes mulheres e em diferentes espaços. As barreiras ao seu enfrentamento estão interligadas à sua peculiar complexidade – que abrange medo, naturalização e dificuldade de comprovação. Tais aspectos configuram as principais causas da inércia das AJUPs diante destas situações. As experiências de enfrentamento, por outro lado, apontam a necessidade de acolhimento, sensibilidade e cautela; bem como a relevância da interdisciplinaridade. Denota-se a gravidade da temática e a necessidade de estudá-la, a fim de frear a perpetuação do machismo e, portanto, da violência de gênero.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Suely; SAFFIOTTI, Heleieth. Violência de Gênero: Poder e Impotência. Rio de Janeiro, Livraria e Editora Revinter Ltda., 1995.
- FACIO, Alda; FRIES, Lorena. Feminismo, Género y Patriarcado. Género y Derecho, p.27, 2005.
- YouTube. We should all be feminists | Chimamanda Ngozi Adichie | TEDxEuston. Vídeo (30min15s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc. Acesso em: 10 jul. 2016.